

ENTREVISTA/SAULO LEVINDO COELHO

Saulo Levindo Coelho,
provedor da Santa Casa BH

Quando assumiu o cargo, salários estavam atrasados. Hoje, o hospital é referência em UTIs e outros

HOMEM DE SECOS E MOLHADOS

LAURA VALENTE

Na sala de reuniões de um dos hospitais mais importantes de Minas Gerais, a Santa Casa BH, entidade que completou 114 anos, a imagem de São Miguel parece abençoar a atuação de seu devoto, o administrador de empresas Saulo Levindo Coelho. Eleito para ocupar o cargo de provedor em 2000, ele entrou no quinto mandato consecutivo à frente da gestão do hospital. Também é presidente da Confederação das Santas Casas de Misericórdia, Hospitais e Entidades Filantrópicas (CMB). Lá se vão 13 anos e várias ações que transformaram a crise do início, quando o hospital chegou a atrasar três meses de salários dos funcionários, em uma realidade de conquistas: hoje, o pagamento está em dia, a unidade inaugurou 140 novos leitos de Unidade de Tratamento Intensivo (UTI) que estão entre os mais modernos e equipados do país e são totalmente voltados para o atendimento pelo Sistema Único de Saúde (SUS). Ainda há muito a ser feito. Como ele mesmo ressalta, um problema que exige mantém um déficit mensal

de R\$ 800 mil para realizar a média de 400 partos. A favor do investimento dos royalties do petróleo solução urgente diz respeito atendimento da maternidade que não recebeu repasse de verbas do Projeto Cegonha e na saúde desde muito antes das manifestações que tomaram conta do país nos últimos dias, ele diz que os 25% propostos pelo governo federal são insuficientes e critica a presidente Dilma "pela falta de comando", mas tem fé em dias melhores. Um homem de hábitos simples e prosa fácil, "de secos e molhados" por atuar em vários segmentos, como diz, não fez carreira fiado na veia política da família, mas por "vontade de ajudar". Entre os projetos para aumentar a receita da Santa Casa, destaca a necessidade de criação de mais leitos de medicina suplementar no Hospital São Lucas. Nesta entrevista, chama a atenção para o fato de que nasce mais gente do que morre. Ou seja, a demanda para a saúde só tende a crescer, e lembra uma frase de seu pai, também um homem público: "Política não é profissão, mas atividade".

O senhor vem de uma família de políticos. Como eles influenciaram sua vida?

De profissão, meus dois avós foram médicos, mas ambos também atuaram como homens públicos. Levindo Ozanam Coelho mais, foi o primeiro secretário de Educação e Saúde de Minas, em 1930, além de prefeito e senador atuante até os 84 anos de idade. Mas só entrei mesmo para a política muito tempo depois de formado e de atuar na iniciativa privada. Meu tio, Eduardo Levindo Coelho, fundou a Federação das Santas Casas e Hospitais Filantrópicos de Minas Gerais (Federassantas) e, quando ele faleceu, disseram para eu cuidar daquele "filho". Dali fui deputado federal em 1986, reeleito em 1990 e suplente em 1998, quando cheguei a exercer o mandato. Também integrei o diretório estadual do PSDB e presidi o diretório municipal em Ubá, terra dos meus pais. Mas eles nunca forçaram nenhuma barra. Aliás, meu pai dizia que política não é profissão, mas atividade, e nunca permitiu que eu seguisse a carreira pública antes de ter um trabalho. Cursei administração e trabalhei muito como gestor e executivo antes de entrar para a Política.

Em muitas declarações, o senhor se diz desgostoso com a política. Por quê?

Política é o que eu vivo na Santa Casa. Não gosto dessa outra, repleta de mesquinarias, de vaidades.

Apesar de crescer rodeado por médicos e de ser filho de um advogado, o senhor optou por seguir uma carreira pouco tradicional à época, a administração de empresas. Foi a escolha certa?

Prestei vestibular em 1969 e até pensei em direito, mas houve um teste vocacional no Colégio Santo Agostinho, onde estudei, e a socióloga disse para eu não gastar meu perfil de liderança nessa profissão. Na época, o curso de administração era novíssimo, meu registro profissional é o de número 1.399. Mas creio que foi uma boa escolha, já atuei em muitas áreas distintas, como siderurgia e telecomunicações, e agora sou gestor de um hospital. Concluo me tornei um homem de secos e molhados, com capacidade para encarar desafios diferentes.

O senhor atuou na iniciativa privada e também seguiu carreira pública. O que mais gostou ou desgostou em cada uma das áreas?

Na iniciativa privada, o que mais gosto é que você faz e enxerga os resultados. Já na política, o que mais me incomoda é a pecha de que todo homem público é vagabundo, aproveitador. E isso acaba por fornecer o motivo para a venda de voto. Por que se o eleitor pensa que nenhum político vale a pena, justifica a própria falta de consciência, o que é muito triste. Meu avô e meu pai sempre tiveram uma vida pública limpa. Ao mesmo tempo, já estive com colegas que criticavam a corrupção e depois me chamaram de bobo quando saí da Telemig com o mesmo patrimônio que tinha antes. Mas não fico pensando sobre isso. O que sei é que sou feliz com a vida



BETO MACALHÃES/EMV, A PRESS

que tenho, um Audi 1996, um apartamento de 200 metros quadrados. Pra que mais? Para você ter uma ideia, não recebo salário como provedor da Santa Casa, mas me sinto um privilegiado por ocupar o cargo. Não estou aqui de passagem, quero e gosto de contribuir.

O senhor é um político experiente. Como avalia as manifestações dos últimos dias?

Há quanto tempo você não vê a cara do Lula na mídia? Ele acusa o governo do PSDB de ter deixado uma herança maldita na Presidência, mas foi ele quem na verdade deixou. E a Dilma recebeu e não tem competência para sair dela.

Mas o senhor é a favor das manifestações?

Das manifestações, sim. Da baderna, não. Sou 100% a favor das manifestações, mas não pode existir violência. O que vimos nas ruas é produto da falta de liderança do atual governo. O Lula tinha o controle, mas a Dilma não. E nenhum de nós sabe no que vai dar, aonde vai parar, porque não é um caminho correto. O problema é que o povo não sabe votar. Li uma pesquisa com um dado muito triste: 90 dias após uma eleição, o eleitor brasileiro já esqueceu em quem votou para vereador ou deputado. Existe uma falta de cultura política no país e, além

disso, somos um povo que não tem memória, nem para o bem e nem para o mal.

Em janeiro deste ano, o senhor defendeu que os royalties do petróleo fossem destinados à saúde, e não apenas à educação. Os 25% propostos pelo governo após os protestos são suficientes?

Tinha que ser meio a meio. Essa proposta é lastimável. A educação é muitíssimo importante, mas estamos em crise e o único investimento com retorno imediato e não a longo prazo é na saúde. Mas a Dilma defende 100% para a educação. Não consigo entender.

O que significa ser provedor da Santa Casa?

A primeira Santa Casa foi fundada em 1498, pela rainha Lenor de Lencastre, de Portugal, para que os doentes sem poses ou indigentes fossem cuidados e enterrados com dignidade. Naquela época, não havia muito o que fazer por eles, remédios ou equipamentos. O tempo passou, mas a missão continua. Hoje, vivemos de recursos do governo, algumas doações e também de serviços do hospital que são pagos. Nossos principais fundos vem da funerária, da escola de enfermagem e do atendimento no Hospital São Lucas. Aqui, a função de um provedor é gerir tais recursos da melhor forma possível, para que o hospital

possa oferecer excelência àqueles que não podem pagar pelo atendimento particular.

Quais são as principais conquistas da sua gestão?

Quando cheguei, havia burburinhos de que a Santa Casa era um projeto inviável e até mesmo de que iria fechar as portas. O Centro de especialidades Médicas estava abandonado e o Hospital São Lucas decadente. De lá para cá, vejo como relevantes a volta da sanidade financeira da instituição, além do investimento em tecnologias, como avanços muito importantes. Hoje, também contando com a doação do empresário Aloysio Faria de R\$ 12 milhões, equipamos 140 novos leitos nas Unidades de Terapia Intensiva (UTI) do hospital, todos com atendimento 100% SUS. Aliás, o prédio da Santa Casa está quase totalmente dedicado aos atendimentos pelo SUS. Já não temos mais filas para transplante de córneas, realizados no Hospital de Olhos. Estamos fazendo transplantes de medula óssea e rins e comendo o de fígado.

Os números são superlativos. Quantos pacientes a Santa Casa atende?

A média é de 4 mil pacientes internos ao mês e cerca de 55 mil pacientes em consultas, no mesmo período. Temos 5.181 funcionários.

Como o senhor conseguiu reverter a crise da Santa Casa?

Há uma década, adotamos um novo modelo de gestão em todas as unidades assistenciais. Aliado a esse modelo houve renegociação de antigos passivos e a implantação do Projeto Santa Casa Mil Leitos SUS (desde 2009), realizado em parceria com o Ministério da Saúde, a Prefeitura de Belo Horizonte e o governo do Estado. Também contamos com a abnegação dos funcionários. Em síntese, passamos por uma reengenharia interna, treinamentos, recrutamento, enxugamos custos operacionais deficitários. Assumimos uma administração empresarial, mesmo sendo uma entidade filantrópica.

Hoje, quais são os problemas mais urgentes da Santa Casa?

Nossa maternidade é uma preocupação por que fazemos em média 400 partos por mês, com custos operacionais que não são totalmente cobertos pela tabela do SUS. Isso gera um déficit mensal de cerca de R\$ 800 mil. Neste momento, aguardamos a liberação de recursos do Projeto Cegonha e de uma verba de R\$ 10 milhões, já autorizada pelo Secretário Nacional de Atenção à Saúde, Helvécio Miranda Magalhães Júnior. Estamos em negociação com a Secretaria Municipal de Saúde (SES), or-

gão responsável pelo repasse dessas verbas, que vêm do governo federal.

Quais seriam os recursos para manter a Santa Casa no azul?

Temos ideais como aumentar o número de leitos de medicina suplementar, que é superavitário, e também do Hospital São Lucas.

Qual é a sensação de estar no quinto mandato consecutivo como provedor da Santa Casa?

É um privilégio poder ajudar. Um orgulho é ver a nossa UTI: se houver outra melhor e mais moderna no Brasil, mudo de nome. Mas acredito que nada está pronto e acabado. Não consigo largar coisas inconclusas, minha missão não terminou.

Fora do trabalho, quem é o senhor? Como se diverte?

Sou pai (pai e mãe), pois criei meus três filhos depois da separação, um formado em publicidade, o outro em direito e a moça em psicologia, e já tenho cinco netos. Adoro ir para Ubá, minha cidade de coração, onde gosto de tomar cerveja e petiscar torresmo, mas do mesmo modo posso tomar um uisquinho na piscina do Copacabana Palace, no Rio de Janeiro, sem nem trocar a roupa. Também gosto muito de viajar e meu sonho é ver o Atlético ser campeão mundial.